

# O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para transformações na sociedade<sup>1</sup>

Paulo César Boni<sup>2</sup>

## 1 - Introdução

Por ser fiel na semelhança com o referente, a fotografia é considerada a mais esmerada forma de documentação. Uma única fotografia pode conter incontáveis informações que, por sua vez, podem ser transformadas em objetos de estudo ou fontes de pesquisa. Um conjunto delas, sobre o mesmo evento, pode proporcionar ainda mais conhecimentos.

Uma das características inerentes do fotodocumentário é oferecer um produto mais elaborado. Formado por um conjunto de fotografias, acompanhado ou não de textos explicativos, o fotodocumentarismo demanda esforços de planejamento e produção. O de denúncia social, normalmente, explora as mazelas que afetam a sociedade, como fome, conflitos étnicos e religiosos e guerras. Ao propiciar que o mundo tome conhecimento dessas distorções, contribui para que pessoas possam agir e modificar fatos e realidades.

De acordo com Sousa (2000, p. 54), “a obra fotodocumental do escocês John Thomson assinala o início ‘real’ da fotografia de compromisso social”. Esta seria uma atividade de fotógrafos “empenhados” em modificar uma determinada realidade, procurando instigar a vergonha pelas injustiças. O autor considera a obra *Street Life in London*, de John Thomson, publicada

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa Fotografia: Comunicação e Cultura do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Natal (RN), de 2 a 6 de setembro de 2008.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Coordenador do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: pcboni@sercomtel.com.br

em 1862, o marco do fotodocumentarismo de denúncia social. No final do século XIX e início do século XX, ele ganharia formato e importância, com as obras de Jacob Riis e Lewis Hine, considerado o maior de seus expoentes.

## **2 – A origem do fotodocumentarismo**

A fotografia, desde a sua invenção, é utilizada como forma de documentação. Ledo (1998, p.22) afirma que “a fotografia nasce como documento, como registro, que se dispõe a intervir no curso dos acontecimentos, mantendo sua iconicidade, sua semelhança com o referente”.<sup>3</sup>

O interesse pelo novo impulsionou fotógrafos a viajar pelo mundo. Sousa (2000, p. 27) afirma que “o gosto pelo exótico e a curiosidade pelo diferente vão promover a produção e difusão de fotografias de intenção documental de locais distantes e de paisagens”. Ele considera o fotodocumentarismo o melhor meio de informação sobre determinado assunto, pois tem por objetivo a documentação de um fato, e desfruta da vantagem de ser atemporal. Ao iniciá-lo, seu protagonista já possui conhecimento prévio – planejamento – do objeto de estudo e das condições em que poderá desenvolver seu trabalho.

Por essa característica (planejamento) e pela bibliografia disponível, é possível afirmar que Roger Fenton foi um dos pioneiros da reportagem fotográfica e precursor do fotodocumentário. De acordo com Sousa (2000, p. 30), em 1855, ele partiu de Londres para fotografar a Guerra da Crimeia, com quatro assistentes e uma carroça laboratório. “Ele irá realizar a primeira reportagem extensa de guerra.”

---

<sup>3</sup> Tradução livre do original: “La foto nace como documento, como registro, se dispone a intervir en el curso de los acontecimientos, manteniendo su iconicidad, su semejanza con el referente.”

### **3 – O fotodocumentarismo de denúncia social e seus precursores**

O fotodocumentarismo de denúncia social documenta fatos sociais e seus contextos. Apresenta imagens que conduzem a “aspectos ocultos com propósito de intervenção” (LEDO, 1998, p. 21), ou seja, transmitem mensagens, com a proposta de denunciar problemas.

A necessidade e a importância dessas fotografias são indiscutíveis. É por meio delas que a sociedade adquire conhecimento sobre episódios inaceitáveis que ocorrem no planeta e pode se mobilizar e/ou agir para modificar a situação. Sem elas, milhares de indivíduos, afetados por problemas sociais, não receberiam ajuda humanitária. Além disso, a degradação do meio ambiente e a extinção de animais silvestres também estariam fadadas à obscuridade.

#### 3.1 – John Thomson (1837-1921) e o cotidiano londrino

A obra de Thomson mais identificada como de denúncia social é o livro *Street Life in London*, de 1862. Publicado antes do advento da autotipia, foi ilustrado com xilogravuras feitas a partir de suas fotografias e, de acordo com Sousa (2000 p. 54), “tornou-se um clássico do reformismo social ilustrado, de intenção conscientizadora e moralizadora, apegado ao que contemporaneamente se poderia classificar como ‘justiça social’”.

Thomson fotografava londrinos em seus ambientes habituais (Figura 1) e incorporava um texto explicativo, no qual abordava as condições e estilos de vida dos fotografados. Sua intenção era de que os mais favorecidos amparassem os mais carentes, mas não deixava transparecer nas fotografias a dor, o sofrimento ou condições desumanas dos trabalhadores.



Figura 1 – *Workers on the "Silent Highway"*  
(Trabalhadores na "Rodovia Silenciosa")  
Foto: John Thomson – London, 1877

Seu anseio por mostrar realidades desconhecidas ou ignoradas, nas quais sutilmente deixava transparecer seu ponto de vista, deixava indícios de que seria um dos precursores do fotodocumentarismo de denúncia social.

### 3.2 – Depressão e miséria nos Estados Unidos

O período entre o final da Guerra da Secessão (1861–1865) e o da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi marcado por mudanças sociais e

intenso desenvolvimento nos EUA. Sua principal fonte de renda deixou de ser a agropecuária, substituída gradativamente pela indústria. Com isso, cidades tornaram-se importantes centros econômicos e atraíram migrantes rurais. Os que conseguiram emprego nas indústrias formaram uma nova classe social: a operária, submetida a condições subumanas de trabalho e obrigada a residir em cortiços sem infraestrutura, em bairros com péssimas condições de salubridade.

Foi nesse contexto histórico que viveram dois importantes fotógrafos de denúncia social – Jacob Riis e Lewis Hine, pioneiros nessa nova forma de fotografar. Durante esse período, a fotografia perdeu parte de seu *glamour* e se transformou em instrumento provocador de reflexões na sociedade. Caracterizou-se como “meio” de transformações sociais e sua finalidade capital era contribuir para a melhoria de vida de milhares de pessoas que viviam à margem da sociedade.

### 3.3 – Jacob Riis (1849-1914) e os guetos nova-iorquinos

Jacob Riis acreditava que, por meio de fotografias e entusiásticos artigos denunciativos, poderia melhorar a situação dos necessitados que habitavam as regiões pobres de Nova Iorque. Ele chocou a sociedade ao mostrar as precárias condições de vida dos imigrantes, especialmente os latinos, que viviam em cortiços, sem nenhuma condição de higiene. Buscou – e conseguiu – ajudá-los. A sociedade exigiu das autoridades providências para amenizar essas dificuldades. Diversos conjuntos residenciais foram construídos, com infraestrutura e saneamento básico, além de parques e áreas de lazer.

Nascido na Dinamarca, em 1849, Riis emigrou para os EUA com 21 anos e, como a maioria dos imigrantes, passou por dificuldades. Em 1877, foi contratado como repórter do *New York Tribune* e passou a acompanhar

rondas policiais em tabernas e pontos de venda de ópio. Essa profissão lhe permitiu um contato maior com as mazelas da sociedade. A exposição diária à pobreza e à violência, aliada ao fato de ser imigrante, pode ter contribuído para a formação de seu caráter engajado e sua ambição em denunciar a cotidiana degradação humana. Passou a fotografar porque sentia necessidade de mostrar às classes média e alta uma outra realidade, a da miséria. Queria incorporar à sociedade principal muitos dos imigrantes e indigentes marginalizados. Para tanto, tirou fotografias, publicou artigos e livros e deu palestras em igrejas e teatros.

Ele destacou a diversidade étnica dos bairros pobres [...]. Se rendeu aos estereótipos étnicos – o italiano sujo, o ganancioso judeu, o enigmático chinês – que eram comuns em sua época, mas também ofereceu descrições vívidas e anedotas simpáticas sobre as pessoas que conhecia em primeira mão (YOCHELSON, 2001, p.7).<sup>4</sup>

Sua primeira mostra de fotografias aconteceu em 25 de janeiro de 1888, na *Society of Amateur Photographers of New York*. No trabalho intitulado *The other half, how it lives and dies in New York*, composto por 100 *slides* – que incluíam muitas fotografias suas – e um discurso vigoroso, guiou a audiência pelos cortiços nova-iorquinos. Essa exposição deu origem ao livro *The other half lives*, publicado em 1890, que chamou a atenção das autoridades para as condições precárias de moradia de mais da metade da população nova-iorquina. Almejava a reforma e o saneamento dessas habitações e a construção de outras, mais bem estruturadas. O livro se tornou popular e causou grande repercussão.

---

<sup>4</sup> Tradução livre do original: “He highlighted the ethnic diversity of poor neighborhoods, nothing that ‘the one thing you shall vainly ask for the chief city of America is a distinctive American community’. He indulged in crude ethnic stereotypes - the dirty Italian, the greedy Jew, the secretive Chinese – that were commonplace in his day, but he also offered vivid descriptions and sympathetic anecdotes about people knew at fist hand”.

Riis era mais escritor que fotógrafo. Começou a fotografar porque precisava de imagens que ilustrassem seus artigos e livros. Suas fotografias pecavam na composição, mas eram um retrato fiel da realidade. Tinham intenção de chocar, eram cruas e agressivas: favelas, mães e filhos vivendo em condições precárias, escolas superlotadas, mendigos, bairros insalubres e o submundo do crime (Figura 2) eram constantes em seu trabalho. Procurava mexer com as emoções dos leitores.

Ele contribuiu como poucos para fazer mudar a mentalidade vitoriana que via na pobreza um estigma do falhanço social. Apelando à consciência da classe média consumidora de jornais, Riis fez com que a representação fotográfica da pobreza e as palavras que lhe estavam associadas passassem a ter novo sentido: ser pobre é um mal remediável através da educação, emprego, habitação e cuidados com a saúde (SOUSA, 2000 p. 56).



Figura 2 – *Bandits Roost* (O Beco dos Bandidos)  
Foto: Jacob Riis – Nova Iorque, 1888

Suas imagens foram responsáveis por uma guinada na história. Com ele, a fotografia passou a exercer forte influência na sociedade. De acordo com Sousa (2000, p. 56), “algumas das suas exigências de humanização de NY, sustentadas por fotos vigorosamente denunciadoras, foram consumadas, como a demolição de Mulberry Bend, um dos mais mal-famados locais da cidade”. No local foi construído um parque público.

Jacob Riis não pode ser considerado essencialmente um fotógrafo de denúncia social. Contudo, a influência e a repercussão de suas fotografias o colocam como um dos precursores desta corrente que, nesse momento, ainda estava sendo concebida.

### 3.4 – Lewis Hine (1874-1940) e a exploração da mão-de-obra infantil

Lewis Hine é considerado um dos mais importantes nomes da fotografia de denúncia social. Esta corrente ganhou força e se consolidou graças aos seus trabalhos. Ele queria chamar a atenção para as injustiças sociais e afirmar a necessidade de dignidade de vida aos trabalhadores.

Hine deixou a escola e começou a trabalhar ainda adolescente, aos 16 anos. Foi vendedor, entregador de encomendas, lenhador e zelador. Em 1899, conheceu Frank Manny, líder nacional do movimento progressista pela reforma na educação, fundamental na formação de seu caráter reformista, pois lhe introduziu ao Movimento Progressista Americano e o ajudou a ingressar na Universidade de Chicago, onde estudou filosofia, sociologia e educação. Tornou-se membro da sociedade de filósofos, jornalistas, assistentes sociais, escritores, professores, advogados e sociólogos que participavam do Movimento Progressista em Chicago. Na concepção do movimento, a pobreza era resultado da instabilidade da economia. Hine desenvolveu trabalhos importantes para a sociedade americana e obteve respeito nos Estados Unidos.

Hine era típico da sua geração, pois sua carreira foi moldada em resposta às forças históricas poderosas: ele era inspirado por ideais da Era Progressista, trabalhou durante a complacente e próspera 1920 e sofreu na Grande Depressão, no início de 1930 (PANZER, 2002, p. 3).<sup>5</sup>

Quando Frank Manny aceitou o cargo de superintendente da *Ethnical Culture School*, de Nova Iorque, convidou-o a se juntar a ele. Nessa escola, Hine realizou seu primeiro trabalho como fotógrafo ao captar imagens de estudantes. Mais tarde, encorajado por Manny, passou a usar sua câmera como instrumento da educação. Juntos, dirigiram-se para *Ellis Island* para fotografar a chegada de imigrantes. Eles utilizaram essas fotografias na escola; elas ajudavam a passar uma imagem simpática dos imigrantes, muito hostilizados à época.

A história de Hine como fotodocumentarista de denúncia social começou, sobretudo, em 1906, quando, segundo Panzer (2002, p. 6), iniciou seu trabalho como *free-lance* da *National Consumer's League* (NCL) e da *National Child Labor Committee* (NCLC) – fundação que dava apoio às crianças vítimas de exploração trabalhista. Ele documentou o trabalho ilegal de crianças em indústrias, lojas e em suas próprias casas. Suas fotografias foram essenciais para a criação de leis que regulamentaram o trabalho doméstico.

O objetivo dos progressistas era acabar com o trabalho infantil. De acordo com Davis (2003), em 1890, mais de um milhão de crianças, entre 10 e 15 anos, trabalhavam nos Estados Unidos, e esse número praticamente dobrou até 1910.

---

<sup>5</sup> Tradução livre do original: "Hine was typical of his generation in that his career took shape in response to powerful historical forces: he was inspired by ideals of the Progressive Era, he worked through the complacent, prosperous 1920, and he suffered during the Depression of the early 1930".

A industrialização não criou o trabalho infantil, mas ela contribuiu para que houvesse a necessidade de reforma no trabalho infantil. A substituição de operários treinados por maquinário e o crescimento de fábricas e engenhos fizeram com que trabalho infantil se tornasse cada vez mais lucrativo para os negócios. Muitos empregadores preferiam contratar crianças porque elas eram rápidas, fáceis de treinar e estavam dispostas a trabalhar por baixos salários (DAVIS, 2003).<sup>6</sup>

Os trabalhos mais conhecidos de Hine são as muitas fotografias sobre trabalho infantil, realizadas entre 1908 e 1918. Talvez a mais disseminada seja a da pequena Sadie Pfeifer ao lado de um tear, em Lancaster, Carolina do Sul (Figura 3). Ele realizava entrevistas para identificar os motivos que levavam as crianças a trabalhar. As informações eram vinculadas às fotografias, em forma de legendas.



Figura 3 – Sadie Pfeifer trabalhando em uma indústria de algodão  
Foto: Lewis Hine – Lancaster (Carolina do Sul, EUA), 1908

---

<sup>6</sup> Tradução livre do original: “Industrialization did not create child labor, but it did contribute to the need for child labor reform. The replacement of skilled artisans by machinery and the growth of factories and mills made child labor increasingly profitable for businesses. Many employers preferred hiring children because they were quick, easy to train, and were willing to work for lower wages”.

A jornada diária nas fábricas era desgastante. Doenças decorrentes da exposição ao calor, aos metais pesados, à poeira, aos lixos industriais, ao carvão mineral e ao manuseio de equipamentos sem proteção eram frequentes. Para fotografar, Hine se utilizou de disfarces como de fotógrafo de companhias de postais, repórter interessado em máquinas e construções e vendedor de seguros.

Em 1908, deixou a *Ethnical School* para fotografar em tempo integral. Como funcionário da NCLC, viajou por uma década pelo território norte-americano fotografando o trabalho infantil em campos agrícolas, fábricas e centros urbanos, onde documentou crianças vendendo jornais, engraxando sapatos, pedindo esmolas, roubando e morando nas ruas.

Promovido a chefe na NCLC, produziu inúmeros artigos para denunciar a exploração infantil. Seu trabalho chamou a atenção da sociedade, que se chocou com a realidade das fábricas. Houve reações em setores organizados e providências foram tomadas. A partir de então, as fábricas cresceram um pouco mais limpas e seguras, e grande parte parou de empregar menores de 14 anos.

Além de trabalhos como *free-lance*, Hine ainda serviu a organizações que deram continuidade ao trabalho progressista, como Cruz Vermelha, *Interchurch World Movement*, *Milbank Memorial Fund*, e *Consumer's League*. Fez, também, um ensaio fotográfico com os trabalhadores que construíram o *Empire State*, forma que encontrou de homenagear os anônimos.

Por sua obra, é possível afirmar que Hine, ao contrário de Riis, tinha ampla noção fotográfica. Sua composição era mais elaborada, menos estereotipada, e ele não recorria ao sensacionalismo. Sua formação em sociologia lhe possibilitou captar imagens ricas em informações sócio-econômicas e culturais.

Sempre que necessário, solicitava a participação dos seus sujeitos fotográficos, mas a maioria de suas fotografias era espontânea. Estava sempre atento aos conceitos básicos da fotografia, como a luz e o posicionamento ideal dos elementos fotográficos. Acreditava que o realismo da fotografia possibilitava a transmissão de mensagens com maior eficácia que as palavras. Em suas fotografias era comum deixar transparecer detalhes de roupas, nacionalidade e classe social, características físicas e expressões dos indivíduos.

Panzer (2002, p. 6) afirma que a origem da abordagem de Hine só pode ser compreendida por meio de uma análise formal de seu trabalho. “Ele constantemente permitia que seus sujeitos fotográficos dominassem o *frame*, muitas vezes se posicionava tão perto dos sujeitos que sua proximidade permitia transmitir informações que outros fotógrafos não conseguiam captar.”<sup>7</sup> Dessa maneira, o rosto dos indivíduos permanecia claro e as expressões, espontâneas.

Seu estilo direto exibia um senso de veracidade - evitando melodrama - e um respeito óbvio pelos sujeitos. Como Alan Trachtenberg observou, as crianças de Hine, em particular, expunham “astúcia”. Elas eram fortes e enérgicas e, como todos seus sujeitos, não transpareciam nem mesmo um singelo e oprimido propósito de piedade (GOLDBERG; SILBERMAN, 1999, p. 43).<sup>8</sup>

O fotógrafo estava determinado a difundir ao máximo suas fotografias para que elas atingissem o maior número de pessoas. Elas não apareciam

---

<sup>7</sup> Tradução livre do original: “He consistently allowed his subjects to dominate the frame, often standing so close to his subjects that their sheer proximity allowed his images to convey information that other photographers could not capture”.

<sup>8</sup> Tradução livre do original: “His straightforward style displayed a compelling sense of truthfulness, an avoidance of melodrama, and an obvious respect for his subjects. As Alan Trachtenberg has observed, Hine’s children in particular display “savvy”. They are tough and spirited, and, like all of his subjects, never portrayed as simple downtrodden objects of pity” .

em galerias de arte, mas em páginas de livros, revistas e jornais, panfletos e pôsteres didáticos. Hine foi o maior expoente do início do fotodocumentarismo de denúncia social. Suas obras contribuíram para modificar as condições de trabalho e criar leis trabalhistas. Consequentemente, possibilitaram melhorias na condição de vida de milhares de indigentes que, acreditava, eram trabalhadores que poderiam elevar sua condição social, com um tratamento mais adequado.

Perto de sua morte, em 1940, a fotografia reformista se popularizou, sendo publicada em revistas importantes como a *Life*. Além de consolidar a corrente de fotografia de denúncia social, Hine contribuiu para que as pessoas vissem beleza nas fotografias, sem, contudo, perder a perspectiva de retratar – e tentar melhorar – as precárias condições a que grande parcela da população estava submetida.

#### **4 – Considerações finais**

O fotodocumentarismo – com o formato e as características atuais – começou no final do século XIX e se consolidou no início do século XX. Neste artigo, foram abordados apenas resultados parciais da primeira fase de um projeto de pesquisa. Neste caso, o nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para provocar transformações na sociedade.

Em sua segunda fase (objeto de outro trabalho), o projeto irá explorar o período do pós-Segunda Guerra Mundial ao final do século XX, no qual a fotografia perdeu força como “meio” e passou a ser adotada como “fim”. Os fotógrafos se fortaleceram como profissionais e passaram a produzir sem a intenção premeditada de provocar transformações sociais.

No terceiro e último momento da pesquisa, será abordado o período da última década do século XX aos dias atuais, quando uma nova corrente, capitaneada por Sebastião Salgado, busca retomar os objetivos de interferência social presentes no início do fotodocumentarismo.

### Referências Bibliográficas

DAVIS, Kay. **Documenting “The Other Half”**: The social reform photography of Jacob Riis and Lewis Hine [**on line**]. Charlottesville, Universidade de Virgínia, 2003. Disponível em:  
<<http://xroads.virginia.edu/~MA01/davis/photography/home/home.html>.

Acesso em: 3 out. 2006.

GOLDBERG, Vicki; SILBERMAN, Robert. **American photography**: a century of images. San Francisco: Library of Congress, 1999. 232 p. ISBN 0-8118-2622-8.

LEDO, Margarita. **Documentalismo fotográfico**. Madrid: Cátedra, 1998. 192 p. ISBN 84-376-1672-7.

NOLAN, Leslie. **Jacob Riis**. Paris: Editions Nathan, 1997. 142 p. ISBN 2-09-754 118-6.

PANZER, Mary. **Lewis Hine**. London: Phaidon Press, 2002. 130 p. ISBN 0-7148-4197-8.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000. 255 p. ISBN 85-85775-55-6.

STEPHENSON, Sam. **W. Eugene Smith**. London: Phaidon Press, 2001. 130 p. ISBN 0-7148-4035-1.

YOCHELSON, Bonnie. **Jacob Riis**. London: Phaidon Press, 2001. 130 p. ISBN 0-7148-4034-3.